

PAULISTÃO



ALL STAR

Em nylon "double-soft",
super arejado, super leve e super flexível.



MONTREAL
sucesso mundial, agora no Brasil.

PAULISTÃO

São Paulo — Ano I — Nº 3 — 1977

Publicação do São Paulo Futebol Clube
 Certificado de Autorização nº 01/315-A
 Secretaria da Receita Federal
 Processo do Ministério da Fazenda
 número 0168.05.101/76

Diretor Responsável

Sérgio Carvalho

Produção Gráfica

Editora Imparcial

Rua Senador Feijó - 161 - 2º e 6º andar - SP

phones: 37-2669 36-4909 37-3728

Redação

Praça Roberto Gomes Pedrosa - 8 - Morumbi - SP



PENALTY SoK

PRESENÇA

BRASILEIRA EM

TODOS OS ESPORTES

Editorial

Segredos que o futebol esconde

O futebol tem uma série de segredos e místicas, que dificilmente serão explicados, por mais que os anos corram, e a tecnologia evolua. Dois exemplos: a série de jogos sem vitória que o São Paulo vem somando diante do seu velho rival, o Corinthians, nos últimos jogos, e os altos e baixos de um jogador de bom nível, que sabe praticamente tudo de bola, mas que alterna boas e más atuações, sem se definir nunca como o craque autêntico à altura do prestígio que conquistou no sul, quando do início de sua carreira: Neca. No primeiro caso, algo vem acontecendo com os jogadores do São Paulo, que parecem excessivamente nervosos e pouco objetivos nos jogos diante do Corinthians. Nas partidas entre estes dois times, os gols tem saído quase sempre nos primeiros minutos em favor da equipe do Parque São Jorge, e apesar do esforço e da luta titânica, o tricolor mesmo dominando o resto da partida não consegue marcar, e acaba perdendo pela contagem mínima ou mesmo por um número maior de gols, devido ao desespero com que seus jogadores vão à frente, esquecendo-se que no futebol o melhor ataque é a defesa. No segundo caso, a explicação é dada pelo próprio jogador atingido pelas críticas, e até pelas vaías, nem sempre merecida das torcidas dos clubes por que passou. Foi assim no sul, quando atuou pelo Grêmio, continuou no Corinthians, depois no Cruzeiro e agora no São Paulo. Ele em alguns momentos chegou a perder a personalidade forte que possui, intimidando-se e tentando procurar na fuga a solução para seu drama. No São Paulo, no entanto, apoiado pelo técnico Minelli ele achou o ponto de apoio para reagir e para provar que, queiram ou não seus inimigos gratuitos, ele é realmente um craque de bola. E se durante estes primeiros meses no São Paulo ele ainda não chegou a luzir como pretendia, a partir de janeiro do ano que vem, ele promete mostrar que realmente Henri Aida fez um bom negócio quando tirou de Minas, para trazê-lo para o Morumbi. Sua promessa e sua história vocês terão nas páginas desta edição. Leiam e cheguem à uma conclusão.

A reportagem do mês

Mariz: doze anos à frente do conselho



Dr. Mariz, pulso firme à frente do Conselho tricolor

Diretor da Faculdade de Direito da FMU, professor titular de Direito Processual Civil da PUC, advogado formado pela Faculdade de Direito de São Francisco, ex-Secretário de Estado dos Negócios da Justiça, autor de inúmeros livros de Direito, membro da Academia Paulista de Direito (cadeira 14), presidente da Associação dos Advogados do Brasil. Estes alguns tópicos do extenso curriculum do professor e doutor Waldemar Mariz de Oliveira Jr, presidente há doze anos do Conselho Deliberativo do São Paulo Futebol Clube.

«Nasci são-paulino. Sou de uma família onde o meu pai e meus irmãos mais velhos já eram torcedores apaixonados do São Paulo. E eles me levaram, ainda pequeno, para assistir jogos do nosso time. Na escola cultivei este amor pelo clube das três cores, e hoje posso dizer que vi o São Paulo nascer e crescer».

Na verdade o dr. Waldemar Mariz é um homem simples e simpático, além de muito acessível. E fica mais à vontade ainda quando é chamado a falar sobre o seu São Paulo. E nas histórias que conta, demonstra possuir uma memória e excepcional, pois lembra com detalhes de jogos realizados há algumas décadas, e cita nominalmente os onze jogadores dos vários esquadrões que o São Paulo já possui desde a sua fundação.

«O São Paulo foi fundado em 1930. Em 31 foi campeão. Em 14 de maio de 35 parou. Nesta época era o São Paulo da Floresta. Em 16 de dezembro de 35 ele ressurgiu para ficar. Tivemos uma fase ruim até 38. Foi quando houve a fusão com o CA Estudantes Paulistas, cujo presidente era o dr. Piragibe Nogueira, que por sinal ficou sendo o presidente tricolor. E a partir daí montamos um esquadrão e começamos a ganhar títulos».

Um pouco antes desta fusão, no ano de 34, Mariz assistiu o famoso jogo que foi chamado de sinfonia inacabada.

«Nós enfrentamos o Palestra. Nossos principais jogadores haviam deixado o São Paulo para se transferir para o Rio. O Palestra tinha um esquadrão. Mesmo assim nosso time foi lá, e com um gol de Fried, ganhamos a partida, e acabamos com a alegria dos palestrinos. A imprensa batizou esta vitória como Sinfonia Inacabada, pois nosso time jogou tanto, que merecia vencer por muito mais».

A reportagem do mês

Outro jogo que ficou na história do São Paulo foi aquele da final do campeonato de 38. O São Paulo tinha um esquadrão, e jogou com o Corinthians que só precisava do empate para ser o campeão.

«Eu me lembro muito bem deste jogo. Foi num domingo de chuva e o São Paulo começou ganhando graças a um gol de Mendes. Como a chuva aumentou, o juiz resolveu suspender a partida. A continuação foi na terça-feira, e naquele dia o Corinthians com mais sorte, empatou através Carlito. Foi um gol totalmente irregular porque o atacante corintiano colocou a mão na bola.

O título ficou com o Corinthians e o Carlito ganhou um apelido: Carlito mãozinha de ouro».

O dr. Mariz fa um esforço de memória, e fornece a escalação do São Paulo naquela partida histórica:

«O São Paulo entrou em campo com Pedroza (foi presidente da FPF depois), Agostinho, Iracino, Fieroti, Ponzonibio, e Elizandro; Mendes, Armandinho, Elizio, Araken e Paulo. Com esta equipe conseguimos nossa maior goleada sobre o Palestra: 6 a 0. Foi um show».

Nos anos seguintes o São Pauloperseguuiu com tenacidade o título. Era necessária uma conquista como esta, para firmar o tricolor como um dos grandes da capital.

«Trouxemos o Leonidas em 42. Foi uma contratação fantástica na época que superlotou o Pacaembu quebrando todos os recordes de público. A sua estréia foi contra o Corinthians, e o jogo terminou empatado: 3 a 3».

Em 43 o Corinthians e o Palestra (na época estava mudando de nome), dominavam o futebol paulista. A própria imprensa e a torcida dos dois times diziam:

«É cara ou coroa. Para o São Paulo ser campeão a moeda tem que cair de pé». Preocupado em quebrar a hegemonia de seus adversários, mais velhos e mais fortes, o São Paulo montou um esquadrão: King, Piolim, Virgílio; Zezé Procópio, Zarzur e Noronha; Luizinho, Sastre, Leonidas, Remo e Pardal:

«Este foi um time que só deu alegrias ao São Paulo. Era uma verdadeira máquina de jogar bola como foi o Santos anos atrás. E naquele ano de quarente e três, fizemos a moeda cair de pé. Deu São Paulo e a festa foi grande.

O último jogo do São Paulo neste ano foi contra o Palmeiras, que já mudara de nome:

«Nós precisávamos só do empate. Entramos em campo, o jogo começou e pouco depois o Sastre se machucou. A partida ficou nervosa, mas mesmo assim, seguramos o resultado de zero a zero até o fim».



Em abril o final de sua gestão no CD tricolor

A DÉCADA DE OURO

Depois do título conquistado em 43, o São Paulo teve a sua década de ouro. Ganhou outros títulos em 45, 46, 48, 49, 53 e 57.

«Foram fases importantes da vida do São Paulo e onde tivemos muitas alegrias. Quando chegou 57, iniciamos as obras do Morumbi, nosso estádio, e ficamos um bom tempo sem ganhar títulos. Chegamos perto em 67, mas o Corinthians atrapalhou tudo no final do jogo decisivo. Em 70 atingimos novamente nosso objetivo, já com o Morumbi construído».

Em todos estes anos de São Paulo, acompanhando o clube desde seus tempos de garoto (ele e o dr. Henri estudaram para o vestibular nas arquibancadas do Pacaembu assistindo jogos do São Paulo que insistiam em não perder), o dr. Mariz viu dois grandes craques:

UM FOI O Friedenreich. O outro, Leonidas da Silva. Os dois no mesmo nível de Pelé, apesar de haver gente que afirma o contrario. E isso sem desmerecer os outros, ou os atuais».

EM 58, NO CONSELHO

Como bom sãopaulino, sempre interessado em colaborar com o clube, o dr. Mariz tornou-se sócio, depois entrou no Conselho.

«Em 56 entrou o Henri. Em 58 foi a minha vez. Depois fui Juiz do Tribunal de Justiça Desportiva da Federação, representando o São Paulo. E em 65 e 66 cheguei à presidência deste Tribunal. Deixei o Tribunal pouco depois, pois fui eleito presidente

do Conselho Deliberativo do São Paulo onde estou até hoje».

Ele trabalhou na presidência do Conselho durante o período em que Laudo Natel era o presidente. Depois ficou com Henri Aidar que é presidente do clube até hoje. E em abril do próximo ano, ambos estarão deixando seus cargos:

«Pelo novo estatuto nós somos inelegíveis. Vamos deixar nossos cargos mas continuaremos a lutar pelo clube».

Nas eleições de abril haverá oposição. Mariz é situação. Como ele encararia este movimento oposicionista?

«Como bom democrático acho até importante um movimento de oposição. Mas tudo em alto nível. Fazer retalhações pessoais não se concebe numa agremiação como o São Paulo. Em primeiro lugar e acima de tudo, deve haver dialogo e devem ficar os interesses do clube, nunca do homem em particular».

De qualquer forma, Mariz apoia e acha decisivo que a mesma filosofia de trabalho imposta desde à muitos anos, prevaleça no clube:

«Não podemos mudar o que é bom, e o que vem dando certo. Já temos nossos homens para as próximas eleições, e vamos trabalhar por eles. Acredito que, pelo que fizemos, teremos o apoio de nossos associados e conselheiros».

Mariz só não concorda quando dizem que os conselheiros do São Paulo são «vaquinhas de presépio»:

«No São Paulo não tem disso. Todos os conselheiros são homens de personalidade e totalmente independentes. Se aprovam nossas contas e nossas sugestões, é porque temos bom senso quando colocamos alguma coisa para ser apreciada pelo Conselho. Se não fosse assim, teríamos, podem ter certeza, o veto destes conselheiros. Se eles tem aprovado praticamente tudo, é porque temos trabalhado direito».

DIALOGO ABERTO

Segundo o dr. Mariz, tanto ele como Henri Aidar, estão sempre dispostos ao dialogo. Mesmo que com elementos da oposição:

«Eu já dialoguei com eles. E acho que tem que ser assim. Afinal o São Paulo é um clube democrático».

Uma prova de que o São Paulo, além de democrático, é também um clube extraordinariamente bem administrado em todos os seus setores, está nas pouquíssimas alterações que precisaram ser feitas nos seus estatutos, para que eles se adaptassem as novas leis vigentes para as agremiações esportivas do país:

«Foi assinada a lei pelo presidente

A reportagem do mês

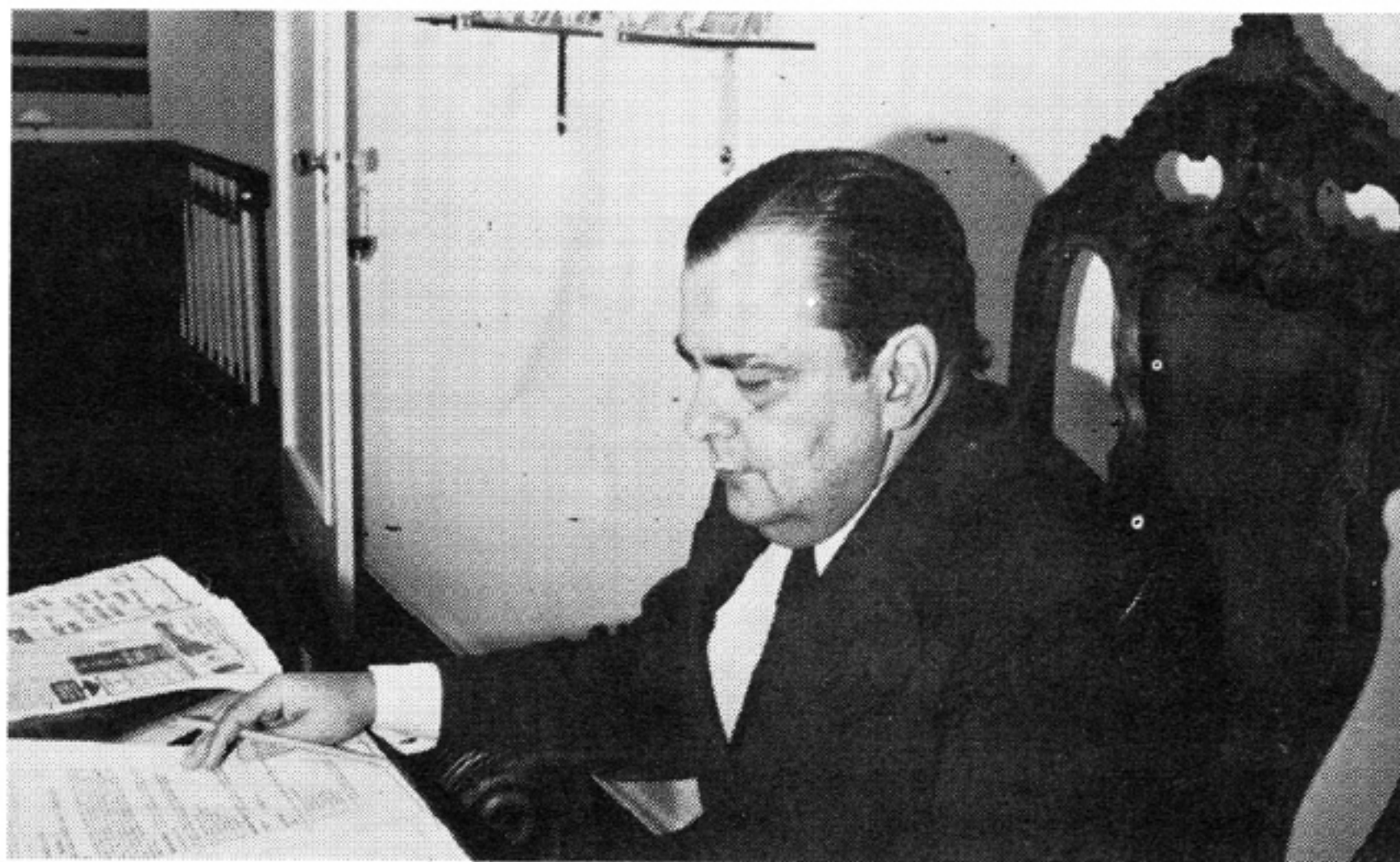
Geisel recentemente. Foi o decreto 80.228 de 25 de agosto de 77. E nós fomos obrigados a alterar e acrescentar algumas coisas em nosso estatutos, para deixá-lo de acordo com a lei. E se outros clubes vão precisar mexer em grande parte de seus artigos, nós só mexemos em sete deles. Uma prova de que o São Paulo, apesar da renovação feita pelo nosso presidente, já era um clube modernizado neste aspecto».

ENTROSAMENTO PERFEITO

O dr. Mariz tem um entrosamento perfeito com o dr. Henri Aidar. Presidente do Conselho e presidente do clube trabalham num mesmo local, o que facilita a consulta e o diálogo:

«Somos amigos desde crianças. E atualmente, nas funções que exercemos, estamos sempre juntos. E isso beneficiou muito ao São Paulo, que devido a facilidade de diálogo entre os homens de cúpula, nunca teve crises mais sérias. Eu por exemplo, participo das reuniões da diretoria, e dou meus palpites. Não no sentido de interferir no trabalho dos diretores, mas para ajudá-los a chegar a uma melhor solução para os problemas que surgem. No São Paulo as glórias são do clube e as responsabilidades são dos homens que o dirigem, como muito bem disse meu amigo Henri».

Em abril terminará a gestão de Henri e



Ele abre o diálogo
com todos.
Mesmo com a oposição

também de Mariz. Estes dois homens que deram muito pelo São Paulo, cederão seus cargos para outros homens com a mesma vontade de servir o clube. Mas Mariz garante, que não ficará totalmente de fora:

«Antes de tudo sou são-paulino de corpo e alma. Não vou fugir da luta. Onde o clube precisar de alguém para trabalhar

por ele, lá estarei, pois sinto satisfação em fazer isso. E tenho certeza, que os que entrarem, também lutarão com o mesmo vigor e o mesmo amor, para levar o nosso clube ao seu futuro cada vez mais sólido e brilhante. Por isso o São Paulo é o que é, e poucos conseguem igualá-lo em todo o país, mesmo tendo vontade».



GARANTIA DE QUALIDADE

C. RAYES, CIA. LTDA-R. BOM PASTOR 2826/34 SÃO PAULO-FONE, 2745411

Um novo ídolo

NECA: nunca fui covarde

Desacreditado e com a fama de covarde, ele chegou de volta ao futebol de São Paulo para recuperar sua imagem. E em pouco tempo de São Paulo ele já mudou muita coisa daquilo que pensavam a seu respeito. Mas ele ainda não atingiu seu objetivo. Neca pretende ser campeão brasileiro e ainda voltar à seleção. Nesse depoimento à nossa revista, ele conta como fará disso uma realidade.

Naquela tarde parecia estar tudo contra ele: a torcida já viera ao Pacaembu, predisposta a vaiá-lo. Talvez por influência do que vira nos jornais ou nos programas esportivos da semana, ou ainda como reflexo de sua má campanha pelo Cruzeiro na Taça Libertadores da América. Mas a verdade é que Neca já esperava uma reação deste tipo da torcida, pois sentia que parte da imprensa estava contra ele, e vinha cobrando com insistência uma super-exibição, quando ele ainda sentia dificuldades de entendimento com os demais companheiros, e de adaptação ao esquema de Rubens Minelli.

E quando o técnico fez sinal do banco, dizendo que queria substituí-lo, Neca separou. E no momento em que iniciou a caminhada rumo a boca dos vestiários o grito uníssono da torcida começou a penetrar nos seus ouvidos. Foi um momento difícil, duro de suportar, mas como bom gaúcho, ele enfrentou tudo calado, com dignidade, sem apelar. Outro jogador menos preparado, poderia reagir agressivamente, fazendo gestos obscenos para os torcedores ou coisa parecida. Mas Neca preferiu se calar. Baixou a cabeça, deixou o gramado no mesmo passo lento e cadenciado, até desaparecer pelas escadas do túnel que dá acesso aos vestiários.

Lá, Neca sentiu um nó na garganta. Talvez sentisse até muita vontade de chorar, de desabafar, de gritar que não tinha culpa de ser marcado pela vida, e de ter passado tão rapidamente, por tantos clubes de renome, em tão pouco tempo de carreira.

«A verdade é que minha carreira foi meteórica. Quando cheguei no Grêmio já me transformaram em ídolo. Fiz bom ambiente, fiz muitos gols, e a torcida me aplaudiu. Como o Grêmio não ganhou o título, fui colocado na lista dos disponíveis, como



Neca luta
para recuperar
sua imagem

setivesse culpa do Inter ter sido novamente o campeão do Estado. Surgiu o Corinthians, que me contratou, e eu vim com muita vontade de acertar. Conversei com o seu Matheus, disse como era na intimidade, e tudo ficou definido. Lutei pela Fiel de outubro a dezembro de 76, e ajudei o time a chegar às finais da Copa Brasil. Como não ganhamos a Copa, porque o Inter estava melhor preparado, resolveram achar alguns culpados. E lá estava eu novamente entre os disponíveis. E o motivo, por coincidência era o mesmo: como o Grêmio, o Corinthians sentia a falta de títulos e como não os conseguia, procurava sacrificar alguns nomes, para se justificar diante de sua enorme torcida».

Foi quando Neca se transferiu para o Cruzeiro. Lá, o processo de evolução foi o mesmo. Trabalhou duro para aprimorar sua técnica, entrou no time, subiu de produção, e ajudou o time a conquistar os primeiros lugares no campeonato mineiro. Como paralelamente também se disputava a Taça Libertadores da América, Neca lutou em duas frentes. O desgaste foi grande, mas de alguma forma, ele procurou suportar o ritmo e levou o Cruzeiro à final da Taça.

Nos jogos decisivos contra o Boca, e especialmente na negra disputada em campo neutro, o Cruzeiro que vinha num ritmo acelerado, não aguentou a pressão do adversário e caiu. E como Neca já havia sido o culpado de insucessos anteriores pelas equipes que passou, foi muito fácil aos dirigentes do Cruzeiro justificar a derrota na Libertadores, com sua má atuação.

A partir daí sua imagem negativa, de covarde, e de jogador que nos momentos decisivos fugia da briga já estava firmada por todo o país. Talvez por isso poucos clubes se interessaram em contratá-lo.

Um novo ídolo



**De covarde
ele não tem nada.
Seus gols provam isso**

MINELLI, A MÃO SALVADORA

Como o São Paulo, na época em que o Cruzeiro caía, estava formando seu novo time para enfrentar a Copa Brasil-77, surgiu a mão salvadora que viria reerguer a moral de Neca, abrindo-lhe perspectivas de fixar-se novamente como um jogador classe A, como sempre o foi desde o início de sua carreira, lá no interior gaúcho.

E Minelli, que já o conhecia desde esta época, e que sabia de suas possibilidades como jogador de futebol, resolveu endossar sua contratação, responsabilizando-se pelos riscos de trazer um craque marcado e quase desmoralizado, para o mesmo Estado de onde meses antes, ele havia saído como um dos maiores culpados pelo insucesso do Corinthians na Copa Brasil-76.

«Eu conheço o Neca. Podem trazê-lo que nas minhas mãos ele voltará a jogar aquele futebol que o revelou como um dos melho-

res jogadores da posição no sul, e que o levou à seleção do Brasil com Oswaldo Brandão.»

Neca foi procurado em Minas por José Douglas Dallora, acertou as bases de sua vinda para o São Paulo, e esperou o final do Campeonato Mineiro para transferir-se de vez para o Morumbi.

«Foi uma alegria extraordinária para mim, quando soube que o São Paulo estava interessado na minha contratação. Vi a chance de voltar ao futebol paulista, para desfazer, de vez, a péssima imagem que a crônica corintiana criou para mim, quando o Corinthians perdeu a Copa Brasil para o Inter naquela final do ano passado. Chegaram a me chamar de mau-caráter, e inclusive afirmaram que eu havia escrito algumas frases no quadro negro dos vestiários, criticando a presidência do clube pela divisão do prêmio pelo vice-campeonato com outros companheiros que não haviam participado

da final. Tudo mentira. Eu nunca briguei por causa de dinheiro. E prova disso é que Moisés, que foi acusado pelo mesmo motivo, e que foi apontado como meu cúmplice nesta briga, está até hoje no Parque, sagrando-se inclusive campeão paulista da temporada, e ajudando a quebrar um tabu de vinte e três anos.»

NÃO AFINO EM DECISÕES

Nos primeiros jogos disputados pelo São Paulo no nordeste do país, Neca realizou brilhantes exibições, que deixaram Minelli satisfeito e os próprios companheiros entusiasmados. Serginho chegou inclusive a comentar:

«Finalmente tenho a meu lado um companheiro de toque fácil e que se coloca para receber na tabela. Ele ajuda a dividir a responsabilidade dos gols e desvia a atenção dos zagueiros quando entramos na área. Assim sobram maiores oportunidades para que eu possa fazer os meus gols».

Um novo ídolo

No primeiro jogo em São Paulo contra o Treze, Neca já não foi tão bem. E quando na partida diante do Santa Cruz, o time precisando vencer, e Neca jogando pouco, a torcida não perdoou: vaiou sem dó. E vaiou mais ainda quando Neca saiu de campo substituído. Enquanto saía, dava entrevista aos repórteres de campo:

«Não me incomodo com as vaias. Não sou medroso. Não afino em decisões. Não sou covarde. E esta mesma torcida que me está vaiando agora, vai me aplaudir de pé dentro de mais alguns dias».

De fato. Não foram necessários muitos dias para que Neca fizesse a torcida engolir a vaia que lhe dera tempos atrás. Num jogo contra o Flamengo do Piauí destacou-se como o melhor em campo, fez dois gols e ganhou todos os prêmios daquela tarde, instituídos pelas emissoras de rádio e TV, para aquele que melhor futebol apresentasse naquela tarde.

«Eu não disse. Já fiz parte do que podia. E vou continuar a progredir. Esta torcida vai me aplaudir muito mais».

E nos jogos seguintes, o São Paulo foi faturando seus pontos, com Neca apresentando o futebol que Minelli esperava. Até que chegou aquele jogo diante do Corinthians, quando Neca pretendia realizar uma grande exibição, para provar aos seus diri-

gentes, que além de valente, era um jogador em condições de jogar em qualquer clube brasileiro de primeira categoria, e como titular.

A exibição de Neca foi realmente soberba. Destacou-se como o melhor atacante do São Paulo, realizou grandes jogadas, e produziu um futebol digno de sua classe. Só falhou num momento. Foi quando pediu para cobrar um pênalti sofrido por Viana, e que Bezerra ou Getúlio, cobradores oficiais destas infrações, deveriam bater.

«Eu fui até os dois e pedi: deixa que eu bato. Tinha confiança que faria o gol. Arrumei a bola, vi o Jairo mais caído para um canto, e corri para chutar. Dei a paradinha e o Jairo adiantou-se. Pensei que o juiz iria anular a jogada. Chutei com displicência pois esperava a bola de volta. Para surpresa minha, apesar da irregularidade na saída do goleiro, o juiz confirmou o gol. Lamentável, pois ali o São Paulo poderia até ter virado o jogo».

Mesmo assim Neca saiu de campo certo do dever cumprido. Afinal, mesmo perdendo o pênalti, havia sido o melhor atacante tricolor.

FALTA UM TÍTULO

Mas Neca ainda não produziu tudo o que podia no São Paulo. Ele ainda acha que poderá render muito mais. Está lutando

para isso. E como o tricolor é hoje um time de craques, e que aos poucos Minelli vai colocando nos eixos, Neca vê possibilidade de finalmente conquistar um título de gabarito, para firmar-se definitivamente no conceito público, como um dos grandes jogadores da posição:

«Para mim falta um título da expressão deste que estamos disputando. E pelo que estou vendo, com toda a retaguarda que o São Paulo dá aos seus jogadores e a Comissão Técnica, e com o ambiente excepcional que encontrei no Morumbi, nós estamos cada vez mais perto deste canêco. Maus alguns acertos, e nosso time será um dos mais competitivos do campeonato, e numa final, tenho certeza que a categoria de nosso elenco prevalecerá. E conquistando este título estarei realizado. Ai, acredito, acabará de uma vez por todas esta onde de que eu dou azar para o time que me contrata, e que sou um covarde nas decisões. Quem sabe assim posso sonhar de novo com a seleção, onde tive boa passagem na época de Brandão, e onde espero ainda voltar um dia, para me consagrar de vez no futebol brasileiro. E se atingir este objetivo serei grato eternamente a Minelli e ao São Paulo. Não fosse o apoio dos dois, jamais voltaria a ser o Neca dos bons tempos do interior gaúcho.»



**Maior satisfação
de Neca:
ter assinado
com o São Paulo**

Qualidade e diversidade em acessórios de metal.

ULTIMA NOVIDADE
BOTÃO GANCHO PATENTEADO

16 mm x 25 mm
12 mm x 25 mm

CANTONEIRAS
4012

ESQUERDA 4022 DREITA 4021

FC 138

BOTÃO PEROLA

FC 119

FIVELA P/ COLETE
FAB 294

CHAVEIROS DES-TAK
MARCA REGISTRADA

ARGOLAS P/ CARRO, ESCRITÓRIO, RESIDÊNCIA, ETC.

BRINDES PROMOCIONAIS
DIVERSAS CORES E DESENHOS

OLISONI
IND. E COMÉRCIO LTDA.

FÁBRICA 1 EVENDAS:
Rua Morato Coelho, 790 - Tel. 210-5680
FÁBRICA 2:
Santana do Paraíba - Est. de São Paulo

REPRESENTANTES:
MARCOS DE OLIVEIRA XARA - Fone: 288-9399
Av. 28 de Setembro, 258 - Lda 15 - Rio de Janeiro, RJ
JOSE AGOSTINHO DE NOGUEIRA - Fone: 22-4149
Rua Evangelista de Lima, 1196 - Franco - São Paulo
ALCIONE GERALDO DOS SANTOS - Fone: 31-3579 - Rua Marins
José Bins, 1337 - Chacara das Pedras - Porto Alegre, RS
EGON ERN - Fone: 22-1579
Rua 15 de Novembro, 550 - Sala 205 - Blumenau, SC
JOSE EDMILSON DA SILVA - Fone: 24-6333
Rua da Carioca, 72 - Sala 615 - Recife, PE
JOAQUIM ALBERTO DA SILVA - Fone: 23-8230
Rua Amante Bano, 180 - Apto. 42 - Curitiba, PR
HERNANDO DIAS DOS SANTOS - Fone: 222-9885
Rua Alem Paraíba, 449 - Belo Horizonte, MG

Os dentes de leite

São Paulo ganha outro título



O Torneio de Preparação Pedro Bianchini na categoria Dente de Leite, apontou a equipe do São Paulo, como bicampeã, repetindo o feito de 76. O tricolor conseguiu o título ao vencer a Portuguesa na decisão por 2 a 1, em jogo arbitrado por Miguel Marassá e gols marcados por Marcelo Sacchi e Palmerio para o campeão e Roland para a lusa, que ficou com o vice-campeonato.

O São Paulo cujo patrono foi Francisco T. Romano, teve este elenco: Oswaldo, Marcelo Gargiulo, Ayrton, Luis, Mauricio, Ricardo

Sacchi, Marcio, Moacir, Palmerio, Marcelo Sacchi, Raul e Ricardo Pedrosa.

A Portuguesa contou com a dedicação de Tupanangyr, Mauro, Rogerio, Miguel, Oswaldo, Luiz Angelo, Antonio, Hermes Rocha (filho do famoso Pedro Rocha), Fernando, Mauro, Eduardo, José Roberto, Manuel, Marcelo, Milton, Marco Antonio e Roland.

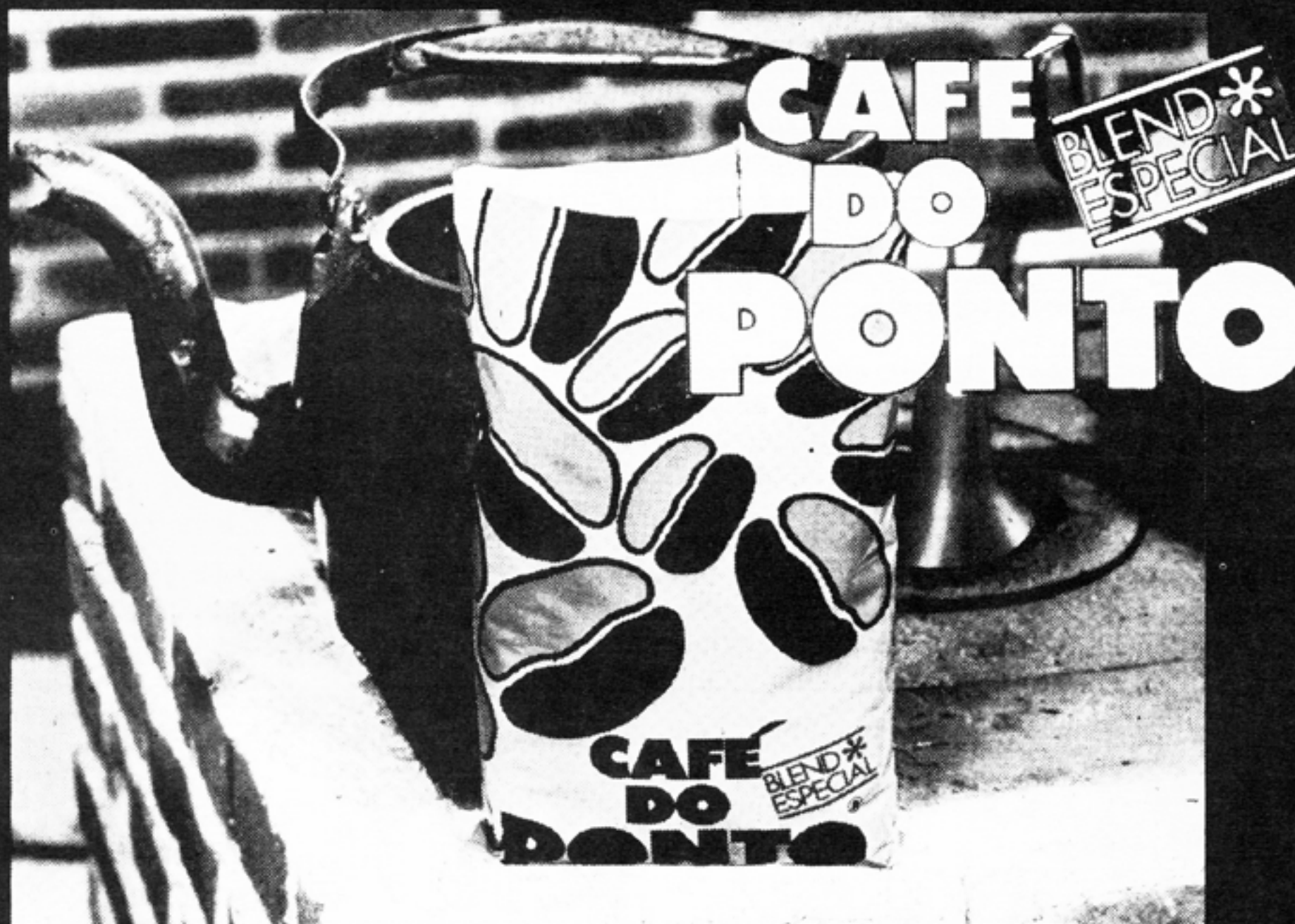
O torneio teve onze jogos realizados e cinquenta e quatro gols marcados. Oyama do Corinthians marcou mais: sete. E quem menos deixou passar foi Italo da Portuguesa, com quatro.

O melhor ataque foi do Corinthians com deztoito gols, e a melhor defesa a da Portuguesa

com seis. O Corinthians deu a maior goleada, sapecando 13 a 0 no Palmeiras.

O Corinthians e o Santos ficaram em terceiro lugar e o Palmeiras na lanterninha. Na foto os craques tricolores e lusos, tendo atrás o patrono campeão, Romano, o vice-campeão Ivaro, o diretor de futebol infantil Walter Starkbauer e o supervisor geral de esportes, Arnaldo Aquilino.

Na categoria Dentão, o Juventus, em brilhante campanha, terminou sua série de jogos sem perder um e foi o campeão.



**O CAFÉ DO PONTO TRAZ DE VOLTA
O GOSTINHO DO CAFÉ DA FAZENDA**

Copa 78

PENSE BEM ANTES DE IR À ARG

As ameaças de terrorismo, a inflação galopante, a má acomodação, o precário serviço de comunicação e de transporte, o próprio inverno rigoroso que faz nos meses de junho e julho no sul do continente, entre outras coisas, esperam o brasileiro que se aventurar a assistir o Campeonato Mundial de 78 na Argentina.

Valerá à pena enfrentar tudo isso, passar por dissabores ao invés de alegrias, quando a Argentina está aí mesmo, trezentos e sessenta e cinco dias por ano, e pode ser visitada a qualquer época com tranquilidade e sem a vigilância policial que haverá durante a Copa? Quando se poderá assistir ao Mundial, confortavelmente na poltrona de sua casa, quando muito com a despesa da prestação da televisão colorida?

Bem, há aqueles que, por espírito de aventura, estão dispostos a enfrentar qualquer problema. E certamente, contestarão algumas dificuldades, que serão levantadas aqui, lembrando que mais vale o passeio para se conhecer — ou rever — o país vizinho e ter a emoção de torcer in loco pela seleção do Brasil. De qualquer forma, a Argentina está aí mesmo, a um passo do nosso país, mas quem não for assistir à Copa gastará, seguramente, tanto quanto uma viagem à Europa, mesmo sem ter que pagar o empréstimo compulsório de dezesseis mil cruzeiros.

Além do mais, as próprias autoridades argentinas estão criando dificuldades a fim de que não haja uma invasão do país pelos brasileiros, muitas vezes superior à que normalmente ocorre durante as férias de fim de ano e julho.

Isso porque, apesar dos brasileiros deixarem muitos cruzeiros na Argentina, representando altas divisas para o país, poucos são os que sabem se comportar. Agora, transportando uma reação corriqueira, para um clima de Copa do Mundo, onde a rivalidade esportiva entre os dois países estará no seu ponto mais sensível, a coisa poderá atingir uma situação incontrolável. Por isso, foram liberadas apenas 7.500 vagas pelo Ente Altárquico del Mundial para serem vendidas no Brasil, assim mesmo com rígida fiscalização junto às agências de turismo e com controle da Aerolineas Argentinas, companhia oficial do certame.

Como vai ser a coisa

As vagas — ou pacote, como ficaram mais conhecidas — estão divididas em quatro categorias de acordo com as acomodações dos hotéis e dos lugares nos estádios, e, em alguns casos, até mesmo o transporte dentro do país. A categoria mais barata é de dezesseis mil cruzeiros e a mais cara, 35 mil, na base do dólar atual e isso é o preço para as agências de turismo. Estas tem direito de acrescentar mais quarenta por cento, no mínimo. E ainda, não estão computadas as passagens, que tem de ser aéreas e da Aerolineas Argentinas, mesmo que a viagem seja efetuada por qualquer outra empresa. A



Riva será uma das maiores atrações da Copa de 78

passagem tem que ser emitida pela empresa argentina, sem o que a vaga não será liberada.

Tomando a classe turística — a mais barata — por base, são dezesseis mil para o "pacote" e mais cerca de seis mil para a passagem — ida e volta, totalizando vinte e dois mil cruzeiros. Mas, os preços são calculados em dólares. Portanto, se o cruzeiro continuar desvalorizando na mesma proporção dos últimos onze meses — vinte e seis por cento, até a Copa, a aventura mais barata sairá pelo menos em 40 mil cruzeiros. Isso sem contar as despesas pessoais — diversões, passeios, lembranças, etc — que fatalmente ocorrerão.

E, por falar, em diversões, há mais um desafio para os aventureiros: a inflação galopante no país vizinho, que faz as coisas aumentarem diariamente. O brasileiro que não dispensa um simples cafezinho



Coca-Cola

MARCA REG.

ao seu f

ARGENTINA

A Argentina 78, durante as disputas da Copa do Mundo, poderá se transformar numa aventura das mais desagradáveis para o torcedor menos avisado.

que pretenda ir por conta própria para o vizinho país, em junho do próximo ano, quando o Brasil estará tentando seu quarto título mundial de futebol.

Os ingressos para os dois primeiros jogos de cada chave serão nominais, e a um quilômetro do estádio haverá policiais porteiros. Quem não tiver ingresso, não poderá se aproximar do estádio. Portanto, o câmbio-negro, será efetuado além de um quilômetro.

Terrorismo Ameaça

Essa precaução total não é só para se fazer um Campeonato bem organizado. Trata-se também de um esquema de segurança contra os terroristas. Afinal, os montoneros fizeram questão de divulgar há poucos dias na Europa, que usarão a Copa para chamar a atenção do mundo sobre o que faz o regime político vigente na Argentina. Fernando Narvaja, sub-chefe do movimento dos montoneros, disse que intensificarão suas atividades para a proteção dos participantes e dos visitantes. Os montoneros fizeram trezentas operações guerrilheiras em apenas seis meses, incluindo dois atentados contra o presidente general Jorge Videla.

Apesar de todas as precauções das autoridades para evitar o terrorismo, os visitantes terão de tomar cuidado com outra coisa: os roubos. Além disso, não se sabe ainda em que cidade o Brasil ficará (possivelmente só em 14 de janeiro). Assim, no "pacote" não está incluído o traslado dentro do país, exceção a Mar Del Plata, cidade previsível como sede da seleção brasileira. Portanto, se este não for o local brasileiro, a situação tende a se agravar.

Classificando-se em primeiro lugar da chave, o Brasil jogará em Mendoza; se for o segundo, a sede será em Cordoba. E as duas cidades ficam a 1.100 quilômetros de Mar Del Plata. Assim, os proprietários dos "pacotes", terão que arcar com as despesas de locomoção calculadas, atualmente, em seis mil cruzeiros. Tem que se levar em conta ainda que não há condições de se transportar, de uma hora para outra, dez mil pessoas. As viagens serão em ônibus, com duração médias de 26 horas. E há, ainda, o perigo de não se encontrar acomodações tanto em Mendoza quanto em Cordoba, embora esta tenha um pouco mais de recursos.

A imagem que se tem de uma Copa do Mundo: festas, diversões e alegrias. Talvez, seja isso mesmo, mas num país em que a infraestrutura sócio-política esteja concretizada — como foi na Alemanha Ocidental em 74. Por isso mostramos aqui o outro lado do Mundial, aquele que não é divulgado normalmente, mas que precisa chegar até o brasileiro comum, que deve estar fazendo seus planos para estar no ano que vem na Argentina.

Se este for o seu caso, pense bem. Assimile tudo isso que contamos aqui pois esta é a verdade nua, sem retoques. E talvez você acabe chegando à conclusão, que será melhor guardar sua verba para um passeio posterior à Argentina, assistindo à Copa em sua própria casa, pela TV à cores, que além de mais barato, lhe trará muito menos aborrecimentos, e será bem mais confortável.



Alemães estarão na Argentina dispostos a conquistar o bi

terá que desembolsar doze cruzeiros, ou então, aquele que adora uma cervejinha, trinta cruzeiros. Isso aos preços atuais.

Em junho próximo, além da taxa do dólar, fatalmente haverá a costumeira exploração dos comerciantes devido a procura ser maior que a oferta, como ocorre em Santos, e adjacências nos fins-de-semana e nos feriados prolongados.

Aqueles que estão pensando em ir por meios próprios — sem o pacote das agências de turismo — terão mais aventuras ainda, já que dificilmente encontrarão reservas nos hotéis, pensões e casas particulares, antecipadamente requisitadas pelo órgão encarregado do Mundial, e também as entradas para os jogos. E vai além: cada estrangeiro será cadastrado em solo argentino, e, nos dez primeiros dias da Copa, somente receberão visto de entrada no país quem tiver "pacote".

dá mais vida futebol.

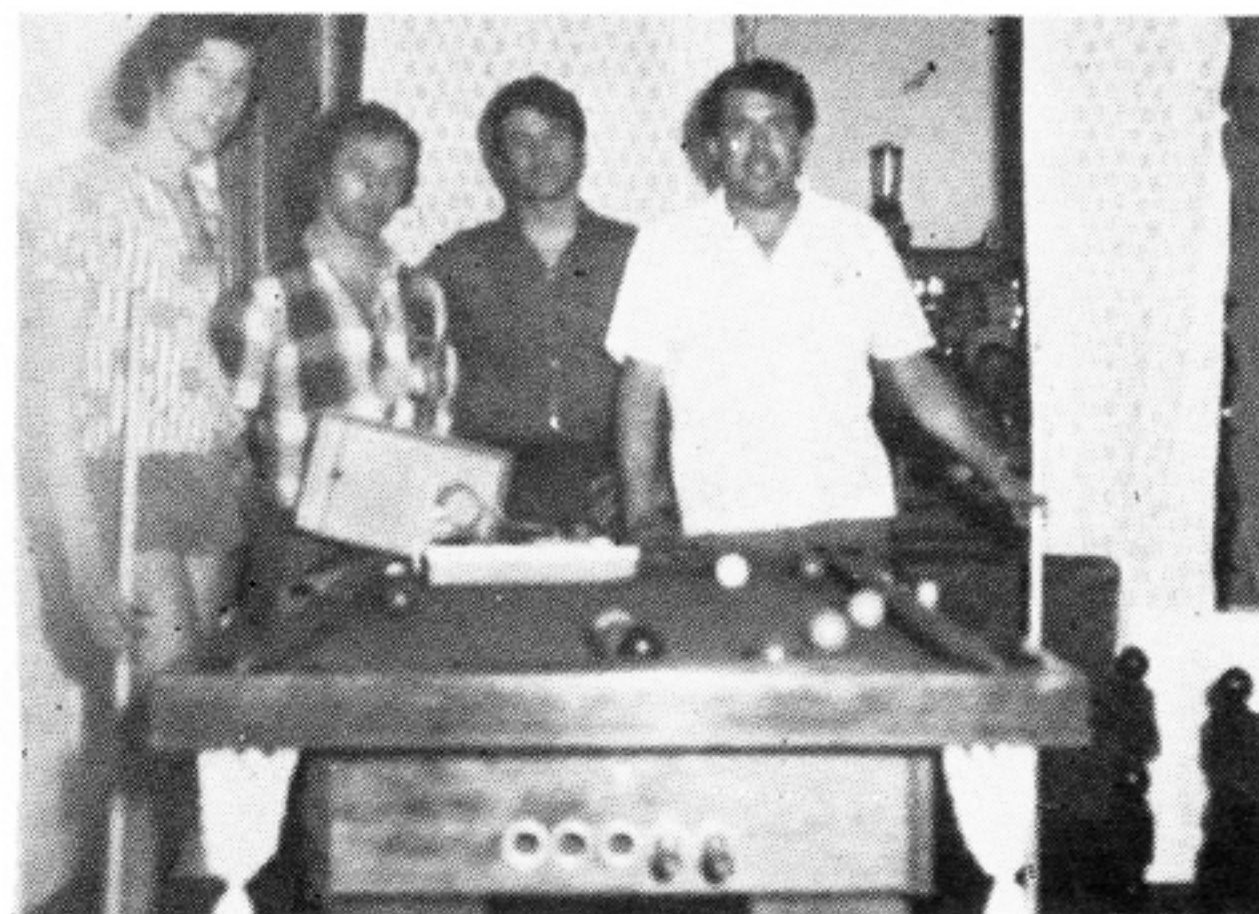


O PAULISTÃO PRESTA CONTAS

Nos últimos anos muitos têm sido os carnês lançados na praça. De clubes esportivos, de Entidades particulares, e todos apresentando uma série longa de promessas de prêmios, que muitas vezes, por um motivo ou por outro, não chegam a ser cumpridas na sua totalidade. O Paulistão ao contrário, não só faz questão de localizar o seu cliente felizardo, como vai até sua casa, e com muita festa, lhe faz a entrega do prêmio à que fez jus. Nas páginas que seguem, uma prova do que estamos afirmando, através das fotos de mais de quarenta pessoas que faturaram carros, buggys, bicicletas, mesas de snookers, e outros prêmios oferecidos pelo Paulistão. Confira.



Miguel Sanches,
rua Joaquim Ferraz dos
Santos 170, Santa
Ernestina, ganhou um Chevette



Dulce Aparecida Geralda Orlando,
rua Conselheiro Antonio Prado 154,
São João da Boa Vista
ganhou um snooker e uma eletrola



Geraldo
Prado Garcia Sobrinho,
rua Handirobas,
447, Jabaquara
ganhou um Chevette



Antonio Luzio, rua Cel. Jordão 923,
Vila Guilherme, ganhou
um Buggy e uma bicicleta



Jacy Marques de Oliveira,
rua Marita 320, Jardim Japão,
Vila Maria, ganhou um Chevette



Ricardo da Silva Custódio,
rua Elias Ruiz 95, Marapé,
Santos, ganhou um Chevette

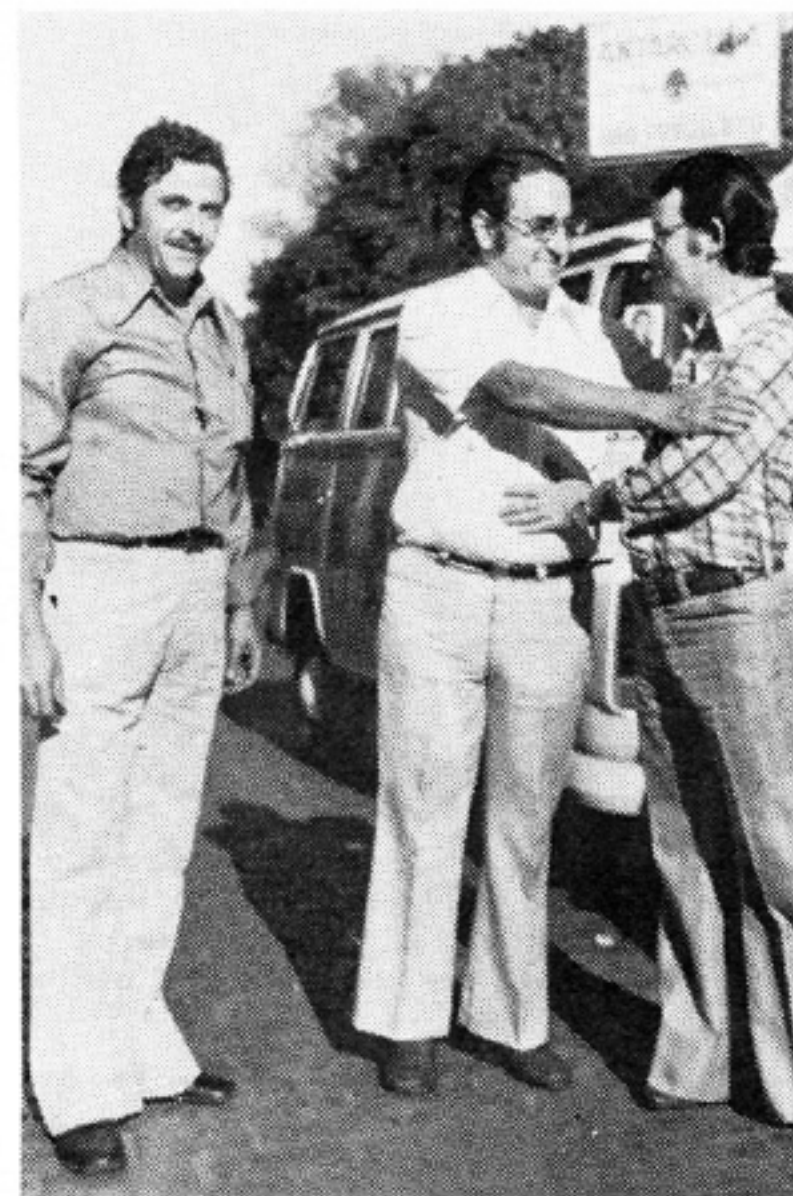
O PAULISTÃO PRESTA CONTAS



Miguel Sanches, rua Joaquim Ferraz dos Santos 170, Santa Ernestina, ganhou um Chevette



Antonio Nunes dos Santos, rua Amador Passos 34, Cotia, ganhou um pebolim e uma bicicleta Caloi



Romario Rodrigues de Andrade, rua Rubião Junior, 1366, Bebedouro, também foi premiado pelo Paulistão



José Luiz da Silva, rua Constantino Neri 147, Pirituba, ganhou um Chevette



José Armando Marcondes de Moura, rua Frei Caneca 903, apto 53, Bela Vista, ganhou um pebolim e uma bicicleta

CARTONAGEM



FlôrdeMaio
S.A.



IMPRESSÃO EM OFFSET

"Uma embalagem exata para cada produto"



EMBALAGEM IMPRESSA EM MICRO-ONDULADO

Rua Protocolo, 456 - Fone 274-6044 - PBX - SÃO JOÃO CLÍMACO - CEP 04254 - Caixa Postal, 42.636

Endereço Telegráfico "FLORMAIO" - São Paulo

O PAULISTÃO PRESTA CONTAS



José Domingos Peres,
rua Indaiatuba 120, Valinhos,
ganhou um Chevette,
um televisor e uma piscina



Maria Aparecida Nogueira,
rua Amazonas 815,
centro, Avaré,
ganhou um Volks



Miriam Paulina Pinheiro,
rua Andrade Neves
402, Campinas, ganhou
um televisor



Carmem Silvia de Arruda e Miranda
Cavalcante, rua Fradique Coutinho
237, apto. 3 a, Pinheiros,
ganharam uma moto



Adelia Dias da Silva,
rua Major Sertório 768,
apto 73, Vila Buarque,
ganhou uma moto



Hiroyasu Hiragami,
Caixa Postal 021, Bairro
Setúbal, Marink,
ganhou um Volks

O PAULISTÃO PRESTA CONTAS



Geraldo Pereira,
rua Edgard nº 14 A
Picanço – Guarulhos,
ganhou um Volks



Alvaro Carlos Magalhães,
rua Heleno do Sacramento,
619, Mandaqui ganhou
uma bicilceta e um pebolim



Benedito do Carmo Barnabé,
rua 20 de janeiro 297,
Itu, ganhou um
pebolim e uma bicicleta



Maria Aparecida Nogueira,
rua Amazonas 815,
centro – Avaré,
ganhou um Volks



Maria Alves Santos,
rua Tatui 129,
Jardim América,
ganhou um Chevette

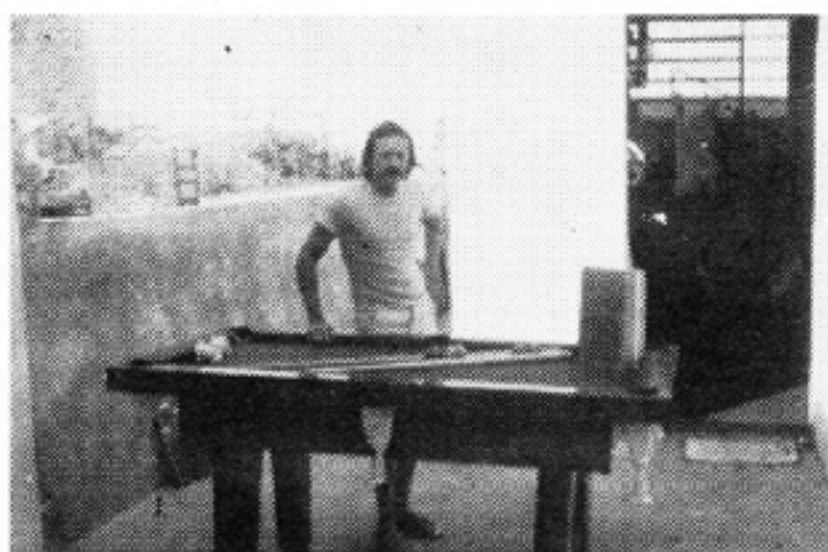


Antonio Fragoso,
rua 2 nº 14 – Vila Aeroporto,
Bebedouro, ganhou
um Chevette

O PAULISTÃO PRESTA CONTAS



Antonio Arlindo da Silva,
rua Guaporé, 129, Vila Didi, Jundiaí,
ganhou um Chevette



Angelo Vicente Loretto Arigó,
rua Senador Feijó 161,
19º andar, ganhou uma mesa de
snooker e uma eletrola Phillips



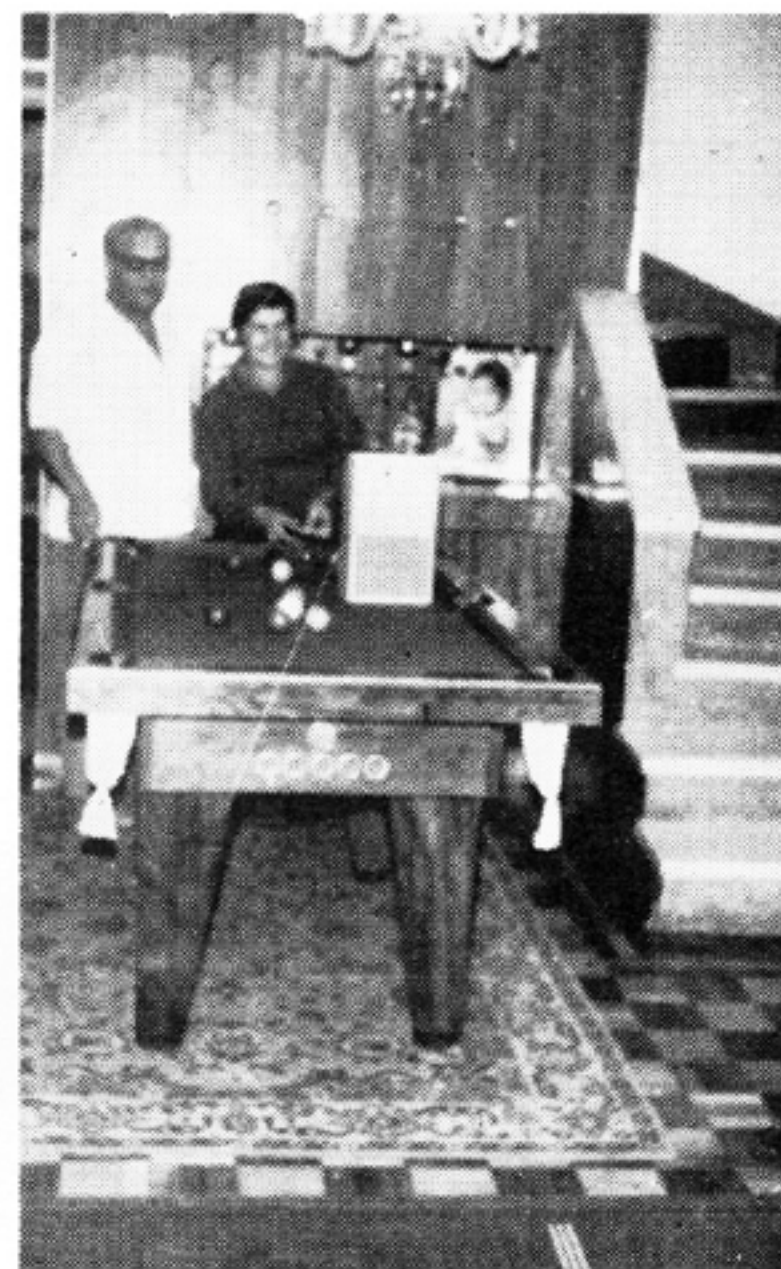
Vicente Astromskis,
rua São Constanção 193,
Vila Formosa,
ganhou um Chevette



Diva Franciscato Barba,
rua Irmã Vestin 416,
Vila Santo André, São João da
Boa Vista, ganhou um Chevette



João Antonio
Scatanbuto,
rua Antonio Gambagorte
Pirassununga,
ganhou um Chevette



Eurico Lobo,
rua Cabreuva nº 46
Penha, ganhou
uma eletrola e um
jogo de snooker

O PAULISTÃO PRESTA CONTAS



Celso Francisco da Costa, Rua M nº 72, Jundiaí, ganhou uma Brasília



Maria Aparecida Fonseca, rua Santa Izabel 139, Jacareí, ganhou um Chevette



Nicola Valter Batista, rua 3 nº 18, Jaraguá, ganhou um Chevette



Dr. Helio da Costa Manso, rua general Mena Barreto 281, Jardim Paulista, ganhou um Fusção



Antonio Gonçalo Cardoso, rua das Flores nº 2, Cotia, ganhou uma Brasília no sorteio de 30 de julho



Irineu Falsetti, rua Maria Curupaiti 1290 Imirim, ganhou em 30 de julho um Volks

FBA

FABRICA BRASILEIRA DE ADESIVOS

FITAS ADESIVAS

Trasparentes Crepe Embalagem

ADESIVOS INDUSTRIAIS

Carpetes Fórmica Madeiras

COLA DE CONTATO

F.B.A. Fábrica Brasileira de Adesivos Ltda.
Via Regis Bittencourt, km 24
Fone: 4922126 — São Paulo

Um ídolo de todos

Palhinha: um campeão exemplar

Nos últimos minutos do jogo dramático, ele ficou na boca do túnel, mordida a aba de um bonezinho, pulou na hora em que Basílio mandou a bola para dentro do gol de Carlos, aos 82 minutos e, com o último apito de Dulcídio Wanderlei Boschilia, desceu alguns degraus em direção ao vestiário, parou no meio, sentou-se, enfiou a cabeça entre os joelhos e chorou.

O diretor social do Corinthians, Daniel Cunha, interrompeu, por instantes, sua festa particular e tentou consolá-lo:

— Vá para o campo, Palhinha, e dê a volta olímpica com seus companheiros, que você é o maior dos campeões.

Palhinha continuou ali, parado, olhos vermelhos, soluçando.

Ele não achava justo desfilar como campeão se não pôde jogar a partida mais importante de sua carreira. A conquista do título começou, na verdade, às 12h30 do dia 2 de março, quando, em companhia de Vicente Matheus, Vanderlei Eustáquio de Oliveira desembarcou em Congonhas, procedente de Belo Horizonte.

Enquanto Matheus fazia declarações entusiásticas, Palhinha não prometia título:

— O Corinthians me contratou sabendo o que estava fazendo e conhecendo o meu futebol. Não vou ser nem melhor e nem pior do que o Palhinha do Cruzeiro.



De Personalidade forte ele é um líder em campo

Ao chegar ao Parque São Jorge, Palhinha surpreendeu pela humildade, os novos companheiros, à exceção de alguns que já o conheciam do convívio na Seleção Brasileira. Em poucos dias, já era o líder natural. Bem falante, impressiona muito pela maneira inteligente com que focaliza problemas e oferece soluções. Nas sessões de dinâmica de grupo é um dos jogadores que mais se manifesta:

— O que a gente pode falar sobre o Palhinha? Como jogador de futebol, é excepcional e como pessoa, então, melhor ainda. Todos aqui gostam demais dele.

O depoimento é de Luciano, jogador muito discutido pelo seu estilo — muito lento — que não se coaduna com a religião corinthiana, que tem na garra o mandamento primeiro. Deixa sempre a impressão de estar alheio a tudo mas, como os demais companheiros, sentiu a transformação que Palhinha provocou no elenco de profissionais.

— Trato Palhinha como qualquer outro jogador. Aliás, ele mesmo faz questão que seja assim.

Palhinha se considera um otimista e homem de muita sorte. Talvez por isso tenha superado com tanta facilidade um problema que parecia ser o mais sério, assim que chegou. Uma parte da imprensa, rádio e televisão considerou um ato de loucura de Matheus a contratação por 7 milhões de cruzeiros e chegou a ensaiar uma campanha contra o jogador, que não

Um ídolo de todos

apresentava o seu real futebol, nos primeiros jogos, por estar fora de forma. Hoje, ninguém mais discute Palhinha, o maior talento do Parque São Jorge.

Vanderlei Eustáqui de Oliveira tornou-se Palhinha quando começou a jogar no time de sua escola. Seu irmão mais velho, o Palha de Aço, já havia passado para o futebol varzeano e Eustáquio, devido à estatura pequena e semelhança com o irmão foi batizado como Palhinha.

Como jogador de várzea, Palhinha esperava o pai dormir para fugir para o campo do Barreiro. Fã de Vavá, o «Peito de Aço» da Seleção Brasileira, desde cedo Palhinha se destacou pela coragem com que entrava na área e dividia com os enormes zagueiros. O caminho do gol sempre pareceu mais curto para ele:

— Há muito tempo, meu pai me trouxe de Belo Horizonte para São Paulo e então fomos ver um jogo Palmeiras X XV de Novembro de Piracicaba, no Parque Antarctica. O Palmeiras ganhou de 6 a 0 e 3 gols foram de Vavá. Disse ao meu pai, naquele dia, que eu chegaria a ser tão famoso como aquele centroavante do Palmeiras e que viria jogar em São Paulo. Consegui.

Palhinha surgiu no Cruzeiro no final da década de 60, nos juvenis, quando nos titulares havia uma das maiores gerações de craques do futebol mineiro: Zé Carlos, Dirceu Lopes, Tostão e outros. Antes, aos 8 anos, tinha sido considerado o melhor jogador de futebol de salão de Minas Gerais, na categoria infantil, como integrante do time do Liceu Saleciano. Levado para o futebol de campo do Cruzeiro, ficou até aos 16 anos nos juvenis. Depois, já treinando contra Tostão, Zé Carlos, Dirceu Lopes e Evaldo, procurou assimilar um pouco, de cada:

— Queria ser titular de qualquer jeito e, por isso, aceitei jogar em todas as posições, à exceção do gol. Fui lateral, meio de campo, ponta e até zagueiro. Eu queria estar entre aqueles cobrões.

Quando Tostão foi vendido ao Vasco, o Cruzeiro não pensou muito para designar o seu substituto: Palhinha.

Preocupado em mostrar ao público o mesmo estilo de jogo do seu antecessor, Palhinha atravessou, em 71, uma das piores fases de sua carreira e até pensou em parar:

— A torcida não aceitava meus pequenos erros e me vaiava. Foi quando pensei, realmente, em abandonar tudo. Mas então resolvi aceitar o desafio e lutar até a vitória. Tinha características semelhantes as de Tostão, portanto, poderia substituí-lo. Em pouco tempo, estava jogando como a torcida gosta, perfeitamente adaptado ao sistema de jogo do Cruzeiro.

Aos 28 anos, muitos títulos conquistados



Palhinha foi fundamental na conquista corintiana

— inclusive o de campeão sul-americano (Taça Libertadores da América, de 76, pelo Cruzeiro), Palhinha é um jogador quase completo. Experiente, maduro e profissional corretíssimo, sabe como ajudar os companheiros mesmo quando não pode jogar, como na decisão do último campeonato paulista. Até a hora da distribuição das camisas, mesmo sabendo que estava impossibilitado de ir para o campo, Palhinha demonstrava fé no time e até prometia gols. Se agisse de outra forma, poderia deixar a

equipe preocupada com a sua ausência. Só depois que o Corinthians saiu dos vestiários para o campo, Palhinha entregou-se à sua dor por estar fora da decisão. Outros jogadores, em igual situação, não iriam para a concentração, como ele foi. Mas Palhinha se concentrou e ajudou, com sua experiência de campeão, a Comissão Técnica a preparar psicologicamente o time. Acima da condição de grande ídolo da Fiel, Palhinha é um autêntico campeão e excelente profissional.



DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO DO
SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE
2023



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ